



CONEPA
CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES
E PROFISSIONAIS DE ADMINISTRAÇÃO

6ª Edição 2023 | 15 e 16 de setembro de 2023

EMPREENDEDORISMO NEGRO FEMININO NO BRASIL: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Adriana Carneiro da Silva

Graduada em Administração; Especialista em Gestão Pública Municipal; Mestra em Geografia. Docente e Pesquisadora do Centro Universitário Estácio da Bahia.

Centro Universitário Estácio da Bahia

adriana.dsilva@estacio.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir os pressupostos do afroempreendedorismo feminino e suas interconexões com as discussões de gênero, empoderamento e relações de trabalho no Brasil, destacando que a pesquisa ainda está em fase de construção. Sabe-se que o conhecimento sobre o empreendedorismo é primordial à inovação dos negócios e o fortalecimento da economia, ele tem como princípios a criatividade, produtividade e geração de novos modelos de negócios. Todavia, para as mulheres, que historicamente sofrem dentro de uma sociedade marcada por uma cultura patriarcal, o empreendedorismo se transforma em uma possibilidade de conquistar sua independência, além de ser uma forma de superar as desigualdades de gênero, alcançando a autonomia e o empoderamento financeiro e social. E quando se trata das mulheres negras a realidade ainda é mais complexa e precisa de aprofundamentos, assim, esse estudo que utilizou-se de uma pesquisa exploratória descritiva, sob abordagem qualitativa e quantitativa, tendo como meios uma pesquisa bibliográfica e documental, destaca que o racismo estrutural cria empecilhos para limitar a ascensão da mulher negra na economia, entretanto o que elas fazem parece ultrapassar a esfera econômica e acaba atingindo a sobrevivência e a ascensão social.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Mulheres. Negras.

Abstract

The present work aims to discuss the assumptions of female Afro-entrepreneurship and its interconnections with gender discussions, empowerment and labor relations in Brazil, highlighting that the research is still under construction. It is known that knowledge about entrepreneurship is essential for business innovation and the strengthening of the economy, based on creativity, productivity and the generation of new business models. However, for women, who historically suffer within a society marked by a patriarchal culture, entrepreneurship becomes a possibility of gaining independence, in addition to being a way of overcoming gender inequalities, achieving autonomy and financial empowerment. and social. And when it comes to black women, reality is even more complex and needs to be deepened, so this study, which used a descriptive exploratory research, under a qualitative and quantitative approach, using bibliographical and documental research as means, highlights that the Structural racism creates obstacles to limit the rise of black women in the economy, however what they do seems to go beyond the economic sphere and ends up reaching survival and social ascension.

Keywords: Entrepreneurship. Women. Black.

1. INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas – ONU estabeleceu a Década Internacional dos Afrodescendentes no período de 2015 a 2024, constituindo um importante marco para diminuir o preconceito, a desigualdade de renda e a baixa representação do negro no Brasil e no mundo. No entanto, apesar de diferentes ações a emancipação da população negra continua sem números expressivos, especialmente para as mulheres negras, deste modo, uma das várias formas de buscar reduzir essas deformidades é o empoderamento econômico dessa população através de ações empreendedoras, que pode ser denominado de empreendedorismo negro feminino.

Assim, no Brasil, país com a maior população negra fora da África e com mais de 50% da população do sexo feminino (IBGE, 2021), o empreendedorismo feminino tem sido crescente ao longo dos anos, no qual as mulheres brasileiras têm participado ativamente no cenário empreendedor, motivadas pela sobrevivência e pelo seu sustento para a família. Como efeito o objetivo desta pesquisa tem como intuito trazer algumas notas introdutórias a respeito do cenário do empreendedorismo negro feminino no Brasil apontando suas interfaces com as discussões de gênero, empoderamento e relações de trabalho.

A noção de empreendedorismo é primordial à inovação dos negócios e o fortalecimento da economia, ele tem como princípios a criatividade, produtividade e geração de novos modelos de negócios. Entretanto, para as mulheres que historicamente sofrem dentro de uma sociedade marcada por uma cultura patriarcal, o empreendedorismo se transforma em uma possibilidade de conquistar sua independência, autonomia, e liberdade para ter iniciativa e desenvolver suas ideias, servindo como uma estratégia que garantem o sustendo da família e/ou obter uma renda extra. Para além de ser uma forma de superar as desigualdades de gênero, alcançado assim a sua autonomia e empoderamento tanto financeiro, quanto social.

Como justificativa entende-se que as mulheres historicamente sofrem dentro dessa cultura, assim, o empreendedorismo se transforma em uma possibilidade para se conquistar sua independência, bem como suplantando as desigualdades de gênero e o preconceito se tratando das mulheres negras. Logo, esse tipo de estudo, que utiliza de uma pesquisa exploratória descritiva, pretende contribuir com debates contemporâneos sobre o empreendedorismo negro e o papel das mulheres nesse cenário.

Portanto, com base nessa prévia problematização do tema, o estudo sobre o empreendedorismo negro feminino não se limita na inserção dessas mulheres no mercado com a finalidade de aumentar a renda familiar, trata-se, de buscar melhores condições de progresso profissional para elas, e assim, contribui para a ampliação socioeconômica do Brasil.

Assim, o presente trabalho apresenta, inicialmente, uma breve metodologia, seguindo da noção sobre o empreendedorismo e o empreendedorismo feminino, na sequência discorre sobre o empreendedorismo negro feminino no Brasil, concluindo pelas considerações finais e as referências utilizadas.

2. METODOLOGIA

Segundo Lakatos e Marconin (2001, p. 155), a pesquisa “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Dessa forma, a sistematização do conhecimento científico depende da relação estabelecida entre o levantamento de questionamentos e a elaboração de respostas coerentes para cada um deles

Assim, esta pesquisa, que está em fase introdutória, utiliza de uma abordagem exploratória descritiva, sob abordagem qualitativa e quantitativa, tendo como procedimentos técnicos a investigação que foi realizada por uma pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo com Vergara (2013), a pesquisa bibliográfica é o estudo desenvolvido em materiais que são acessíveis ao público em geral como, por exemplo, livros, revistas, jornais e redes eletrônicas. Quanto a pesquisa documental, Gil (2002) explica que este é nada mais do que materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaboradas de acordo com os referidos objetivos da pesquisa.

Isto posto, através desses procedimentos foi possível levantar, de forma preliminar, os pressupostos do empreendedorismo negro feminino e suas interconexões com as discussões de gênero, relações de trabalho e ascensão social.

3. O EMPREENDEDORISMO FEMININO

Ao longo dos anos, as mulheres vêm assumindo papéis expressivos dentro da sociedade marcada por uma cultura patriarcal, entretanto, para que essas conquistas fossem alcançadas houve uma trajetória de lutas sociais e reivindicações que possibilitaram a inserção mais igualitária entre homens e mulheres. Para tanto, as mulheres buscaram no empreendedorismo uma estratégia que garantem o sustendo da família e/ou obter uma renda extra, para, além disso, superar as desigualdades de gênero, alcançado assim a sua autonomia e empoderamento tanto profissional, financeiro e social.

Como apontado por Zouain e Barone (2009, p.35)

Sobre uma participação equânime das mulheres no espaço do labor e econômico, existem entraves e desafios na elaboração e execução das políticas públicas, sob a perspectiva de gênero como: salários inferiores aos dos homens, mesmo ocupando a mesma posição profissional; os cuidados com espaço privado e alterações que vêm ocorrendo na estrutura familiar; o desemprego, participação elevada no mercado informal e em ocupações precárias e/ou sem remuneração, revelando a má qualidade das condições do trabalho feminino e alterações no padrão da divisão sexual do trabalho; mudanças sociodemográficas; a diversidade étnico-racial, entre outras.

O empreendedorismo é efetivo para a inovação dos negócios e o fortalecimento da economia, ele tem como princípios a criatividade, produtividade e geração de novos modelos de negócios. Conforme afirma Dornelas (2012, p.39), “empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva a criação de negócios de sucesso.”

Observa Dolabela (2010) o indivíduo com aptidões e condições para empreender saberá desenvolver o que for preciso para aprender e criar, atingindo seus objetivos e visão. Nesta perspectiva, segundo relatório do programa de pesquisa GEM (Global Entrepreneurship Monitor) de 2010, o empreendedorismo é fundamental para o crescimento econômico de um país, pois gera empregos e renda para o local e cria oportunidades para toda a população.

O empreendedorismo envolve diversas áreas do mercado e quanto se relaciona à qualidade de vida dos empreendedores, preenchendo, muitas vezes, outras áreas existentes no que condiz à rotina pessoal dos empreendedores. Ser empreendedor envolve motivação, atitudes e comportamentos, fatores psicológicos, desde o desejo de se tornar autônomo até a realização do desejo em si. (ZAMPIER; TAKAHASHI, 2011). Para além disso, é necessário que a análise do empreendedorismo passe por uma conjuntura antropológica do país que está sendo tratado.

Segundo a edição 2016 da pesquisa GEM o Brasil é destacado como um dos países que mais possuem empreendedores, baseado nas circunstâncias históricas, econômicas e sociais de sua população, ocupando a 8ª posição no ranking mundial de atividade empreendedora em estágio inicial e a 3ª colocação em atividade empreendedora em estágio estabelecido dentre 31 países de economias impulsionadas pela eficiência, e as mulheres se destaca nesse processo.

Villas Boas e Diehl (2012) destacam que as mulheres reconhecem no empreendedorismo uma possibilidade de conquistar sua independência, autonomia, e liberdade para ter iniciativa e desenvolver ideias, logo, essa experiência proporciona satisfação às mulheres. Todavia, em conjunto à decisão de criar seu próprio negócio caminha desafios diversos, pois além de encarar provocações inerentes a qualquer empreendedor, elas ainda necessitam lidar com barreiras sociais e econômicas em razão do seu gênero.

[...] que o gênero feminino ainda é associado ao trabalho doméstico e é perceptível que as mulheres continuam a desempenhar a maior parte desse trabalho, em particular as tarefas tidas como tipicamente femininas. Os homens continuam a guardar para si o primado das responsabilidades profissionais e continuam a ser socialmente autorizados a afastar-se de tarefas legitimadas como femininas. Essa situação de reprodução da dominação masculina coloca as mulheres numa posição desfavorável do ponto de vista de seu reconhecimento social, além de contribuir para a divisão injusta de tarefas, tanto no trabalho como dentro de casa (STROBINO & TEIXEIRA, 2014 APUD TEIXEIRA E BOMFIM, 2026, p. 45).

Diante da citação acima ainda é necessário desconstruir a associação do gênero feminino ao trabalho doméstico bem como a ideia de que o empreendedorismo é uma atividade tipicamente masculina. Afora o preconceito, as mulheres se deparam com o conflito ente o trabalho e família, que impactam no desenvolvimento de suas competências empreendedoras e no seu perfil empreendedor.

Além disso, as mulheres se deparam com o conflito ente o trabalho e família, que impactam no desenvolvimento de suas competências empreendedoras e no seu perfil empreendedor. Em estudo, Kahashi et al (2013, apud Teixeira e Bomfim, 2014), destaca que o conflito trabalho-família enfrentado pelas mulheres se insere em três dimensões:

1. tempo, devido as horas excedidas no trabalho;
2. tensão, apoiada em fatores como, fadiga, depressão e ansiedade e;
3. comportamento, no trabalho e/ou na família que reflete e leva em consideração a estabilidade emocional, agressividade, auto confiança, objetividade.

Neste sentido, pode-se pontuar como fardos para as mulheres as dificuldades em ascender de carreira, de realizar-se profissionalmente, de obter independência financeira, entre outras questões que acabam motivando a empreender.

Baseado em Strobino e Teixeira (2011), apoiados nos estudos de Birley, Harris e Harris (1988), os homens e mulheres não possuem diferenças quanto as motivações que os levam a empreender e sim diferenças quanto a maneira que entravam nos negócios. Segundo os autores, inicialmente as mulheres optaram por ocupar espaços poucos dominados por homens, usavam

de capital próprio para a abertura de suas empresas, por apresentarem perfil mais conservador e baixa adesão a risco e, diferenciam-se também quanto a consideração.

Os homens abriam uma empresa visando prestígio e status, considerados pouco relevantes para as mulheres. Cabe destacar que quando o recurso financeiro provém de seus esposos, em muitos casos o financiamento pode vir acompanhado de cobranças ou receio do fracasso. Além do mais, as mulheres se sentem tratadas diferente por parte das instituições financeira. Neste sentido, a busca por recursos, também se configura como o entrave no processo de empreender das mulheres.

Ainda com essa conjuntura, de acordo com o relatório do GEM (2011) as mulheres cada vez mais possuíam a necessidade de sustentarem seus lares considerando assim o empreendedorismo como uma ferramenta de auxílio importante.

Segundo Oliveira e Neto (2008), existem características semelhantes às mulheres que empreendem, indiferentemente da nacionalidade. São eles: A faixa etária predominante está entre 35 e 50 anos de idade; a maioria das empreendedoras são casadas e têm filhos; essas mulheres apresentam um elevado nível de educação formal; atuam geralmente em pequenos negócios; iniciam as empresas com baixo capital social e encontram nas associações de mulheres empresárias uma fonte importante de apoio e informações para as empresas.

De acordo com dados da Associação Comercial de São Paulo - ACSP (2018), o Brasil é o sétimo país com o maior número de mulheres empreendedoras no mundo. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018), cerca de 9,3 milhões de mulheres estão à frente dos negócios no Brasil e que elas representavam cerca de 34% dos líderes de negócio no país.

Apesar disso, ainda há muito a mudar: dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (2018) mostram que mais de 2/3 das empresárias atuam sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e ganham 22% a menos do que homens empreendedores. Alguns dos desafios encontrados pelas mulheres ao empreender são: o preconceito e a dupla jornada de trabalho, muitas vezes necessitando escolher entre uma delas, como já citado anteriormente.

É oportuno destacar também o motivo da remuneração feminina. Muitas organizações oferecem salários mais baixos às mulheres que possuíam funções semelhantes à dos homens. Para além da baixa remuneração, segundo dados do Ministério do Trabalho (2016), muitas mulheres também decidem tornar-se empreendedoras por muitos pontos negativos que existem ainda dentro das organizações como assédio moral e/ou até mesmo uma cultura machista onde os homens não valorizam o trabalho delas.

Toda essa conjuntura, resultantes do contexto sociocultural, dificultam o crescimento e a manutenção dos empreendimentos geridos por mulheres. E essa realidade ainda é mais alarmante quando se tratar-se das mulheres negras.

4. EMPREENDEDORISMO NEGRO FEMININO NO BRASIL

Historicamente a população negra foi excluída na reorganização do trabalho livre, até porque o Brasil foi um país erguido com base no trabalho de pessoas escravizadas, em sua grande maioria negra, e no processo pós-abolição não houve uma organização desses no mercado de trabalho. De forma processual essas ações moldadas espalhou o projeto de nação das elites dominantes brasileira, sendo responsável por estruturar a “exclusão, a desigualdade e

a pobreza que marcam os mundos do trabalho até os dias atuais da população negra” (THEODORO, 2008, p. 19).

Essa eliminação na prática acontece por meio da negação da presença da população negra livre nos setores dinâmicos da economia, fazendo com que sem possibilidade de ocupação eles foram empurrados a atuar no setor de subsistência ou na prestação de pequenos serviços, geralmente, muito mal remunerados e subalternizados, tornando uma estratégia de sobrevivências (CUNHA, 2004; THEODORO, 2008).

Contemporaneamente, essas estratégias de sobrevivências ainda coexistem no universo da população negra, especialmente, às mulheres negras, na qual muitas delas buscam formas de existência, independência, autonomia e liberdade através de sua força de trabalho, que com muitas ressalvas e considerações podem ser consideradas ações empreendedoras de necessidade. Visto que, dados revelam que as mulheres negras sofrem mais com desemprego, têm a renda mais baixa e ocupam empregos informais, como no trabalho doméstico, além de ganhar menos que as mulheres brancas (CAMAZANO; ESTARQUE, 2019).

Assim, a presente pesquisa, em fase inicial, busca compreender as pressuposições do afroempreendedorismo feminino brasileiro, abordando suas interconexões com as discussões de gênero, empoderamento e relações de trabalho. Destacando que as mulheres negras são pioneiras no empreendedorismo feminino brasileiro, já que tiveram de ofertar suas habilidades e produções para conseguir o seu sustento (SILVA E SOUZA, 2017).

De acordo com CONCEIÇÃO (2015, p. 92),

“[...] as negras, ainda no período escravista, ganharam as ruas com seus tabuleiros, com suas roupas coloridas e seu jeito próprio de negociar gêneros alimentícios ou outras formas de trabalho, como vender água, frutas e/ou legumes. A maioria das mulheres negras passaram de escravizadas a empreendedoras e lideranças religiosas, servindo de modelo para outras mulheres, inclusive as brancas.”

Do mesmo modo, percebe-se que as mulheres negras desde o momento de escravidão recorreram ao empreendedorismo como forma de sobrevivência econômica. Contudo, mesmo com essa habilidade em fazer negócios o empreendedorismo feminino negro foi e ainda é sufocado por vários arredores racistas e machista (SANTOS, 2022).

Baseado nos estudos de Arman (2015) a analogia entre raça e empreendedorismo no Brasil também podem ser abarcadas como táticas de sobrevivência ou de inserção social. Assim, é plausível envolver que o empreendedorismo foi um fenômeno que acompanhou a população negra desde o início de seu processo de escravização no país. Nessa conjuntura, o empreendedorismo não seria somente um fenômeno econômico, mas uma opção para garantir o seu próprio sustento e de suas famílias.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Rede Mulheres Empreendedoras (IRME), em 2022, a maioria das empreendedoras brasileiras se consideram pretas ou pardas (60%). Entretanto, de acordo com o SEBRAE (2018) mais de 50% das mulheres negras que buscaram crédito com bancos e instituições financeiras receberam a negativa para a solicitação. Ainda, segundo SEBRAE (2018) existe uma diferença clara de renda mensal entre a mulher negra e a branca, à medida que a mulher negra recebe em média, R\$ 1.539, a mulher branca alcança um ganho estimado de R\$ 2.035, ou seja, embora exerçam a mesma função, ainda são remuneradas de forma desigual.

Aguiar (2022 apud SANTOS, 2022, p. 16) destaca que “ter uma vida inteira de imagens negativas sobre si, por causa de estereótipos, pode acarretar à mulher negra empreendedora

níveis reduzidos de sucesso empresarial, ficando em desvantagens até mesmo em relação ao empreendedor negro”.

Outro dado bem alarmante é o número de mulheres negras que possui ensino superior completo e estão empreendendo que é menos de 10% das empreendedoras, visto que essa necessidade de complementar renda e a falta de acesso à universidade se tornam fatores definitivos que acabam impactando os negócios desse grupo social (SEBRAE, 2018).

Consoante, o SEBRAE (2023) aborda que existem vários desafios das empreendedoras negras no Brasil, tais como as empreendedoras brancas: dificuldade para conciliar a vida pessoal e a profissional; falta de incentivo financeiro; oportunidade de qualificação; dentre outros. Entretanto, no caso das mulheres negras existe um agravante, o preconceito, já que “algumas pessoas não acreditam na capacidade dessas empreendedoras e, inclusive, discriminam-nas pela cor da pele” (SEBRAE, 2023, p.2) fazendo parte de um racismo da sociedade brasileira.

De acordo com Bersani (2018), o racismo no Brasil, por ser estrutural, pode ser notado e identificado em diferentes áreas em que se compreendam as razões que mantêm e fortalecem esse contexto na estrutura social do país, sendo econômicas, sociais, políticas, educacionais, entre outras, permanecendo atualizado, além do plano da consciência, no da subconsciência.

Isto posto, a compreensão sobre o racismo só se torna possível quando analisada a partir de suas especificidades estruturantes se relacionando com as peculiaridades dos sistemas sociais vigentes, fazendo sentido em um certo momento e contexto histórico da sociedade. (ALMEIDA, 2018).

Assim, no caso das mulheres negras, há uma dupla ameaça de estereótipo: o de raça e o do gênero (AGUIAR, 2022), ou seja, a mulher negra que busca empreender, sofre pelo racismo institucional em caráter histórico e pela condição biológica de ser mulher, muitas vezes inferiorizada no mercado.

Corroborando com isso, Siqueira e Nunes (2018, p. 5) destaca que:

O Brasil por si só é um país que apresenta inúmeras dificuldades para os empreendedores como um todo, como a falta de capacitação, o excesso de burocracia, tributação exacerbada, medo do fracasso, dentre outros. Esse cenário insólito afeta a basicamente todos que recorrem à atividade empreendedora como uma estratégia de mudança de vida e pode ser ainda mais agravado em relação às mulheres. Ao se considerar a figura da mulher negra empreendedora, no mesmo sentido, verifica-se que a mesma encontra ainda mais dificuldades: de um lado, ela sofrerá com os desafios por conta de pertencer a minoria da população negra; do outro, por pertencer ao sexo feminino.

De tal modo, com a intenção de atravessar os desafios próprios à mulher, especialmente, as negras começaram a surgir várias possibilidades de aumento de sua participação na atividade empreendedora, a partir das políticas públicas que buscaram incentivar um empreendedorismo mais inclusivo no Brasil, desde as microempresas, das empresas de pequeno porte e da formalização de microempreendedoras individuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a pesquisa ainda está em fase de construção, é possível perceber que existem alguns pontos a serem aperfeiçoados, entretanto a ideia desse artigo é de trazer um breve

levantamento sobre como é o cenário do empreendedorismo negro feminino brasileiro, abordando suas interconexões com as discussões de gênero e relações de trabalho.

Percebe-se que as mulheres estão conquistando cada vez mais nichos, movidas pelos mais diversos motivos, tendo como o mais comum à opção de ser financeiramente autônomas. Entretanto, esse aumento de mulheres empreendedoras pode ser visto como decorrência de uma série de desafios que elas enfrentam em suas vidas profissionais, sendo que ainda está longe do ideal de inserção e ampliação necessárias para garantir vida longa ao negócio por elas empreendidos, como já relatado nesse trabalho.

Assim, nesta perspectiva, estudar sobre a temática do empreendedorismo social, feminino negro na economia brasileira, denota-se como uma ligação profícua e vantajosa. Uma vez que, através da inserção dos empreendimentos no cenário da economia, as mulheres negras conseguem emergir as suas ancestralidades e, além disso, podem propagar a sua cultura ao fortalecerem negócios com propósito único.

Destacando que o racismo estrutural cria barreiras através de estereótipos para evitar a ascensão da mulher negra na economia, entretanto o que elas fazem parece ultrapassar a esfera econômica e acaba atingindo a sobrevivência, a liberdade e a possível ascensão social. Evidenciando que este trabalho não se propõe ao esgotamento da discussão sobre o tema, mas sim, visa aguçar novos debates sobre a temática, sobretudo no estado baiano, visto que a Bahia é o estado brasileiro com a maior quantidade de população negra do país.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, H. M. “Mulheres negras empreendedoras no Brasil: suas barreiras e comportamento de superação para empreender”. 2022. 94 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração) apresentada a Universidade Nove de Julho, São Paulo. Disponível em <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/2903>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARMAN, A. P. Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. RAU - Revista de Administração do UNISAL, Campinas, v. 5, n. 8, p. 64-82, 2015.

BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. Revista Extraprensa, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

CAMAZANO, P.; ESTARQUE, M. Negras ganham menos e sofrem mais com o desemprego do que as brancas. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-ganham-menos-e-sofrem-mais-com-o-desemprego-do-que-as-brancas.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CONCEIÇÃO, Joalice Santos. MULHER NEGRA: religião, trabalho e organização familiar. INFORME ECONÔMICO (UFPI) 34 (1), 2015. 1, 2015.

DOLABELA, Fernando. Riscos Bem Calculados: o que é e o que faz o empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2010.

DORNELAS, José. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios (260 p.). 2012.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. Empreendedorismo no Brasil (Relatório Nacional). Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-epesquisas/temasestrategicos/empreendedorismo>. Acesso em: 20 Out. 2022.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas, São Paulo, v. 5. 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. - 4. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas 2001.

SANTOS, Maria Vanessa Vieira. Mulheres negras e empreendedoras do Rio Grande do Norte: um estudo de caso do Programa Quartzo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, Bacharelado em Administração. Currais Novos, RN, 2022.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. A presença da mulher preta empreendedora no mercado atual. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/artigos/a-presenca-da-mulher-preta-empreendedora-no-mercado-atual,af43bbe567826810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Mulheres negras são maioria entre empreendedoras no Brasil. Acesso em: <https://www.news.ifood.com.br/mulheres-negras-sao-maioria-entre-empreendedoras-no-brasil/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SILVA, S. K. V.; SOUZA, A. B. A identidade na atualidade da mulher negra no Brasil. Revista NEIAB, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-16, jul. 2017. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/2-2.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique. MORAIS, Fausto Santos De. Identidade, Reconhecimento e Personalidade: Empreendedorismo da Mulher Negra.v. 9, n.3. 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/EALR/article/view/11055/pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

VERGARA, S. C. Métodos de Pesquisa em Administração. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

VILLAS BOAS, A; DIEHL, B. V. B. Elas empreendedoras. São Paulo: Simplíssimo Livros Ltda, 2012.

ZOUAIN, D. M., Oliveira, F. B. de, & BARONE, F. M. (2007). Construindo o perfil do jovem empreendedor brasileiro: relevância para a formulação e implementação de políticas de estímulo ao empreendedorismo. Revista De Administração Pública, 41(4), 797 a 808.

6ª Edição 2023 | 15 e 16 de setembro de 2023

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. Cadernos EBAPE.BR, v. 9, n. Ed. Especial, art. 6, p. 564-585, 2011.